
RESENHA

Desconectados: um retrato da juventude norte-americana

Abandoned: America's Lost Youth and the Crisis of Disconnection

Herbert Rodrigues¹ 

DOI: [10.22478/ufpb.2525-5584.2023v8n2.66059](https://doi.org/10.22478/ufpb.2525-5584.2023v8n2.66059)

Recebido em: 08/03/2023
Aprovado em: 02/10/2023

Para qualquer indivíduo acima de 18 anos, a ideia de vida adulta representa fonte de angústia e ansiedade. O processo de amadurecimento envolve enfrentamentos e adaptações às novas situações sociais, aos novos desafios e às responsabilidades. Conseqüentemente, os jovens adultos devem se adequar e aprender novas habilidades e competências necessárias para atravessar essa fase de transformação intensa da vida. O livro *Abandoned: America's Lost Youth and the Crisis of Disconnection* (2020) [Abandonada: a juventude perdida da América e a crise de desconexão, em tradução literal], da pesquisadora norte-americana Anne Kim, apresenta uma análise do processo de transição dos jovens para a vida adulta nos Estados Unidos. Os três pontos principais discutidos no livro são: o fenômeno da crise de desconexão e as estatísticas por trás da questão, as forças sociais que empurram os jovens para a desconexão, as possibilidades de reconexão visando uma vida adulta produtiva.

Graduada em Direito pela Duke University e em Jornalismo pela University of Missouri-Columbia, Anne Kim dirigiu dois think tanks importantes em Washington DC (Third Way e Progressive Policy Institute) e atuou como assessora parlamentar. Atualmente, contribui para o periódico *Washington Monthly*. Seu percurso como advogada, jornalista e analista política resultou em diversas publicações que abrangem a questão da pobreza, o sistema de ensino superior e a ausência de oportunidades

¹ Missouri State University– E-mail: hrodrigues@missouristate.edu.

econômicas. No livro *Abandoned*, vencedor do prêmio Goddard Riverside Stephan Russo na categoria de justiça social em 2020, a autora expõe sua trajetória de atuação direta no desenvolvimento de políticas públicas.

O primeiro desafio da autora consiste em explicar o fenômeno da crise de desconexão e a dimensão na vida concreta dos jovens. O problema não reside necessariamente na questão semântica, ou seja, na definição da noção de “disconnected” (desconectado), antes recai na percepção da desconexão como um problema social mais amplo. Segundo Kim, 4,5 milhões de jovens norte-americanos entre 16 e 24 anos não estudam nem trabalham. Valor que representa mais ou menos 11,5% do total de mais de 39 milhões de jovens nessa faixa etária (2020, p. 2). A autora destaca que o isolamento social e econômico impede a formação de redes sociais e profissionais (e pessoais), comprometendo o futuro de uma geração inteira e perpetuando os fracassos ao longo da vida adulta. Comparativamente, a situação no Brasil se afigura muito mais preocupante. Atualmente, 12 milhões de jovens não estudam nem trabalham no país. A geração “nem-nem”, também chamada de desalentados pelo IBGE, representa cerca de 28% dos jovens entre 15 e 29 anos.

Antes de avançar na exposição da obra, é preciso esclarecer que os termos “disconnected” (desconectado) e “disconnection” (desconexão), centrais na análise da autora, não remetem em nenhum momento às pessoas sem acesso à internet, como aparentemente poderiam sugerir. Não se trata de pessoas excluídas do mundo digital, e sim diz respeito a uma parcela considerável da juventude desconectada das oportunidades econômicas da sociedade. Assim, o termo “disconnection” (desconexão) pode ser compreendido como desengajamento, desvinculação, desfiliação, desenraizamento, despertencimento, desfavorecimento, isolamento, desalento, entre outros. Na língua portuguesa, há vastas opções de tradução que podem descrever conceitualmente o fenômeno. Sociologicamente, trata-se de uma dinâmica social em que os indivíduos, por razões institucionais e estruturais, tornam-se alijados dos vínculos constituídos na família, na escola e no trabalho. O processo de desconexão dificulta e inviabiliza a formação de laços sociais, redes de amizades e profissionais e o compartilhamento de sentidos e visões de mundo a uma parcela significativa da população.

Anne Kim organizou o livro em quatorze capítulos e o dividiu em quatro partes. A obra ainda apresenta uma breve Introdução em que a autora expõe os contrastes da juventude norte-americana no final da segunda década do século XXI. Segundo a autora,

há dois perfis de juventude nos EUA: de um lado, os jovens que figuram entre as forças transformadoras e inovadoras do país, representados pelas novas lideranças políticas e pelos empreendedores das áreas de tecnologia e do conhecimento; de outro, encontra-se uma parcela significativa de jovens desconectados das melhores oportunidades, sem emprego e que têm baixa escolaridade.

Os dois primeiros capítulos, que integram a parte I, apresentam as definições dos termos centrais da discussão e um diagnóstico do fenômeno da desconexão, incluindo os desenvolvimentos recentes da neurociência; a parte II contém cinco capítulos que explicam os mecanismos sociais de desconexão e as tentativas fracassadas de políticas públicas; os cinco capítulos da parte III abrangem possíveis caminhos de reconexão e alguns programas sociais bem-sucedidos voltados aos jovens; os dois capítulos da parte IV encerram o livro. O último capítulo, aliás, funciona como uma espécie de conclusão em que a autora apresenta sete sugestões no intuito de se reduzir ou, quem sabe, eliminar o problema da desconexão dos jovens, conforme apresentamos logo adiante.

A autora inicia o livro com uma excelente explicação sobre o significado da vida adulta relacionando-o à posição social e às diferenças entre as camadas baixas, médias e altas da sociedade. Em análise similar à realizada por Bourdieu e Passeron em *A Reprodução* (1992), Anne Kim se dedica especialmente a observar como será a experiência de um jovem no ensino superior a partir de sua origem de classe. Por exemplo, optar por estagiar durante a graduação representa porta de entrada a uma carreira bem-sucedida após a faculdade. Contudo, se a pessoa pertence às classes baixas, a oportunidade provavelmente será descartada, uma vez que geralmente os estágios não são remunerados e exigem longas horas de trabalho.

A propósito, a questão do estágio ilustra o que a autora chama de “acúmulo de oportunidades” (*opportunity hoarding*), referindo-se aos mecanismos utilizados por grupos sociais privilegiados a fim de controlar e monopolizar o acesso aos recursos que impulsionam a mobilidade social, por exemplo, educação de qualidade e garantia de melhores empregos. Principalmente no contexto norte-americano, o estágio representa uma experiência profissional a uma fatia minoritária da juventude que, por sinal, já dispõe de meios materiais e capital social e cultural.

Kim explica que a desconexão não aparece como fenômeno isolado cuja responsabilidade deva recair em indivíduos desmotivados como se simplesmente decidissem parar de estudar e trabalhar por conta própria. A desconexão é produto “de

escolhas políticas deliberadas que impossibilitam o sucesso dos jovens mais vulneráveis do país” (2020, p. 24; tradução nossa). Trata-se de uma face oculta das desigualdades estruturais de acesso à educação e ao trabalho a atingir consideravelmente as camadas mais baixas da população. A autora sublinha que há a promessa de ascensão social quando um jovem, sobretudo oriundo das classes baixas, acessa a universidade nos Estados Unidos. Contudo, na maioria das vezes o que se observa é que muitos jovens contraem dívidas impagáveis para financiar os estudos. Desse modo, os efeitos do “acúmulo de oportunidades” somados à ausência de programas sociais resultam simultaneamente na reprodução dos privilégios aos jovens de famílias ricas e na perpetuação da pobreza aos jovens pobres. Em tese, não significa que uma pessoa oriunda das classes baixas não tenha chances de ascender economicamente, e sim que as crianças ricas recebem vantagens desde muito cedo, ressalta a autora.

O livro não deixa dúvidas de que a educação representa um dos poucos recursos disponíveis a possibilitar a mobilidade social. No entanto, concluir o ensino médio, entrar numa faculdade, realizar estágios e as demais atividades culturalmente significativas não se mostra algo tangível diante da necessidade de trabalho em tempo integral visando garantir os recursos básicos de uma vida digna. O apoio financeiro da família e o privilégio de receber capital cultural fazem toda diferença na vida dos jovens. Por exemplo, o simples fato de não ter que trabalhar o dia inteiro já resulta em noites melhores de sono e impacto positivo nas notas da faculdade.

O retrato apresentado por Kim sobre os jovens norte-americanos é preocupante. O fenômeno da desconexão se constitui numa situação de desfavorecimento social a quase cinco milhões de pessoas em idade escolar e início de carreira. Em muitas regiões dos EUA, principalmente nas áreas rurais (mas não exclusivamente), os jovens estão desconectados, sem escola e sem trabalho, porque não há nenhuma das duas opções disponíveis. Regiões às quais a autora se refere como “desertos de oportunidades”. Portanto, espaços desérticos que resultam de um processo de aumento das desigualdades econômicas e sociais do país nas últimas décadas e onde a ausência de políticas públicas a essa população pode gerar consequências desastrosas ao futuro do país.

Kim apresenta várias histórias de vida no intuito de dar maior amplitude à questão da desconexão. Na maioria das vezes, as vozes dos jovens não são ouvidas, reconhecidas ou visibilizadas. Por isso, as histórias narradas representam diferentes perspectivas que ajudam os leitores a enxergar a dimensão do problema e traçar relações com a realidade.

Uma das histórias apresentadas no capítulo cinco é a da jovem Keisha (nome fictício). Keisha abandonou o ensino médio antes de completar 17 anos. Desde então, passou a trabalhar em empregos sazonais de baixa qualificação. O pai morreu quando era pequena, e a mãe teve nove filhos de vários pais. Atualmente, a jovem está a caminho de reproduzir a vida da mãe: grávida, desempregada, sem moradia e cuidará do bebê sozinha.

Geralmente, quando ouvimos histórias como a de Keisha apenas tomamos ciência da situação. No entanto, Kim procura apresentar soluções, ideias e sugestões que evitem o mesmo destino a outras jovens. A autora ressalta a necessidade de programas sociais mais acessíveis que auxiliem as jovens mães a continuar estudando e trabalhando. Kim cita, por exemplo, o “programa de transição” (transitional living), desenvolvido pelo Governo Federal em todos os Estados desde 1990, visando garantir moradia aos jovens no período de transição da vida. Anualmente, o projeto atende mais de dois mil jovens sem moradia.

Embora a autora apresente soluções potenciais aos problemas dos jovens, reconhece que os programas nem sempre funcionam como o esperado. Ainda no exemplo dos programas de moradia para jovens, de acordo com o Department of Health and Human Services (HHS) (órgão dos EUA que corresponde ao Ministério da Saúde no Brasil), o governo federal gasta cerca de 45 milhões de dólares anualmente em subsídios de apoio a programas de moradia (o valor representa menos de 3% do orçamento total do HHS). No ano de 2016, os programas beneficiaram cerca de cinco mil jovens no país, porém os dados apontam que existem mais de 3,5 milhões de jovens sem moradia nos EUA (Kim, 2020, p. 110).

A autora menciona mais de uma vez que durante o processo de amadurecimento os jovens frequentemente têm problemas na escola, no trabalho e até no sistema de justiça. No entanto, os jovens das classes médias e altas, além de geralmente infantilizados, recebem os benefícios das “segundas chances” e se necessário auxílio de profissionais (psicólogos e tutores). Por sua vez, os jovens provenientes das classes baixas, em geral “adultizados” de maneira precoce, têm poucas oportunidades e não são beneficiados com as “segundas chances” simplesmente porque não é uma opção disponível a maioria dos jovens de famílias de baixa renda.

Anne Kim traça um paralelo interessante entre a primeira infância e o início da fase adulta. Pesquisas demonstram que o final da adolescência incide em período decisivo na vida das pessoas e tem consequências determinantes para o resto da vida. No entanto,

diferentemente da primeira infância que de certa maneira recebe alguma atenção, muito pouco é pensado em termos de políticas públicas para as pessoas entre 18 e 25 anos. Sem diagnósticos precisos, torna-se impossível saber quais as políticas necessárias a essa parcela da população. O que ocorre, na maioria das vezes, é que aos 18 anos os benefícios e os programas sociais simplesmente desaparecem, e os jovens se veem entregues à própria sorte.

Kim parte da hipótese de que a inexistência de políticas públicas específicas aos jovens resulta de uma diferença geracional importante, uma vez que a maioria dos legisladores norte-americanos ainda pertence à chamada geração “baby boomer”, caracterizada pelo apego ao trabalho e à família nuclear como principais referências de estilo de vida. Segundo a autora, os legisladores (em diversos níveis governamentais) focam somente naquilo que entendem como mais relevante a si mesmos, ou seja, basicamente legislam em causa própria.

Na parte final do livro, a autora enumera uma série de programas voltados à superação da crise de desconexão. Os programas incluem recursos básicos (alimentação, moradia e segurança), capacitação (cursos técnicos profissionalizantes e superiores), oportunidades de estágios e empregos, além da oferta de serviços de aconselhamento e a disponibilização de mentores (ou “super mentores”, como a autora denomina no capítulo dez) para orientar os jovens. Programas dessa natureza podem fomentar uma rede de apoio e recursos materiais e simbólicos que possibilitem aos jovens se reconectar.

No último capítulo, Kim apresenta sete sugestões que objetivam reduzir drasticamente o fenômeno da desconexão: i) estabelecer políticas públicas que atinjam todos os jovens em situação de vulnerabilidade e disponibilizem dados precisos acerca do fenômeno da desconexão; ii) investir em programas sociais que comprovadamente dão resultados positivos; iii) envolver as empresas por meio de incentivos fiscais no intuito de garantir mais vagas de estágios remunerados e empregos qualificados aos jovens; iv) levar as oportunidades de conexão (escola e trabalho) a todos os lugares possíveis e visando erradicar os “desertos de oportunidades”; v) reduzir a distância entre a escola e o trabalho; vi) reforma total do sistema de justiça para interromper o pipeline (oleoduto) da escola para a prisão, também responsável pela reprodução do racismo estrutural; vii) ouvir os jovens e compreender a partir deles quais os principais desafios enfrentados no desenvolvimento da vida adulta.

As estatísticas mobilizadas por Kim para caracterizar o fenômeno da desconexão não sugerem sinais de mudança num futuro próximo. À medida que o tempo passa e a população aumenta, os problemas se ampliam e se acumulam. A autora ajuda os leitores a entender a gravidade do problema, uma vez que o período de transição à idade adulta pode ser bem-sucedido, levando o indivíduo ao caminho da autossuficiência, ou um período prejudicial que impede os indivíduos de atingir quaisquer objetivos. A juventude desconectada pode ser um aspecto prejudicial à geração atual, às próximas gerações e à sociedade como um todo.

Abandoned é uma obra que dialoga com uma longa tradição de estudos sobre juventude e articula narrativa etnográfica, análise de políticas públicas e jornalismo investigativo objetivando demonstrar como as disparidades de oportunidades afetam a vida dos jovens e de toda a sociedade. Da mesma maneira que o sociólogo norte-americano Matthew Desmond detalhou o impacto das ações de despejo na vida das pessoas afetadas pela crise imobiliária de 2008 (no livro *Evicted: Poverty and Profit in the American City* (2016), vencedor do prêmio Pulitzer em 2017, ainda sem tradução no Brasil), Anne Kim contribui consistentemente na compreensão dos problemas enfrentados pelos jovens norte-americanos desconectados e que atualmente não estudam nem trabalham.

O livro de Anne Kim é recomendado a públicos diversos, em especial estudantes de sociologia, educação, psicologia, serviço social e áreas relacionadas ao desenvolvimento de políticas públicas. A autora apresenta muitas informações úteis que auxiliam a compreender melhor o campo de atuação de vários atores envolvidos em educação e qualificação profissional dos jovens. A obra pode ser utilizada como um instrumento na compreensão dos problemas enfrentados no Brasil atual, em especial nas discussões a respeito dos chamados “nem-nem” e na precarização das condições de trabalho. Além de se revelar uma leitura importante aos adolescentes e aos jovens adultos interessados em decodificar os problemas relativos ao tempo presente.

Por fim, o livro é recomendado a todas e todos que desejam viver numa sociedade mais justa. A autora finaliza a obra sublinhando que nossos investimentos na juventude no presente refletem a nossa visão coletiva de futuro de país. O mundo em que vivemos (e aquele em que queremos viver) é construído coletivamente. Nesse sentido, torna-se necessário refletir criticamente as condições estruturais de uma geração de jovens

desconectados, desfavorecidos e abandonados. Logo, é fundamental começar a corrigir os mecanismos sociais que levam uma geração inteira ao fracasso.

Referências

Bourdieu, P., & Passeron, J-C. (1992). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Desmond, M. (2016). *Evicted: Poverty and Profit in the American City*. New York: Crown Publishers.

Kim, A. (2020). *Abandoned: America's Lost Youth and the Crisis of Disconnection*. New York: The New Press. Ornelas, M. M. G. (2000). *Perícia contábil* (3a ed.). São Paulo: Atlas.